

SEM MEDO DO PASSADO PODEMOS AVANÇAR EM CONJUNTO

Presidente Samora Machel aos ex-presos políticos, no encerramento de um curso político-ideológico em Matalane

«Finalizou a primeira fase do processo de transformação dos ex-presos políticos em novos cidadãos, em novos militantes da FRELIMO. Esta é a primeira fase. Ao mesmo tempo que termina a primeira fase do processo de transformação inicia-se também uma nova fase nas suas vidas, sem medo do passado, podemos agora avançar em conjunto — disse o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, durante um encontro que ontem se realizou entre alguns membros da Direcção do Partido e do Governo e os cerca de trezentos ex-presos políticos da PIDE, que se encontram no centro de formação de Matalane.

O curso político-militar em que se encontram integrados um grande número de antigos militantes clandestinos, detidos pela PIDE, foi uma decisão da Direcção do Partido, tomada após o histórico encontro realizado de 21 a 24 de Março e de 4 a 8 de Maio, com centenas de indivíduos que tiveram de enfrentar as masmorras da polícia política do regime colonial. Neste histórico encontro, constatou-se que alguns dos militantes da clandestinidade acabaram por se vender completamente, transformando-se em traidores da luta de libertação, outros entraram em pequenos compromissos, mas souberam manter sempre vivo o espírito patriótico; outros ainda resistiram heroicamente a todas as torturas e manobras de assediamento. São justamente os que entraram em pequenos compromissos, os que vacilaram, aqueles que constituem a maioria dos participantes deste curso, que teve o seu início no passado dia 18 de Maio.

A importância deste trabalho, que apenas durou dois meses e dez dias, foi ainda recordada na mensagem destes antigos militantes na clandestinidade, à Direcção do Partido, mensagem essa que foi lida no início da cerimónia de encerramento do curso. «No decorrer desse histórico encontro — dizia a mensagem, referindo-se à reunião da Direcção do Partido com os ex-presos políticos — foi constatado que os antigos militantes não compreendiam perfeitamente a presente fase da revolução, uma vez que estavam desligados da vanguarda e continuavam numa atitude puramente nacionalista que, frequentemente, os levou a cometer erros ou mesmo a assumir atitudes que os colocaram, do lado inimigo. Mais concretamente, enriqueciam as fileiras da peque-

na-burguesia, de vocação neocolonialista, agente interno do imperialismo».

O que no futuro se espera destes patriotas, que enfrentaram a repressão colonialista em condições difíceis, é porém o aspecto mais importante do encontro de ontem. Nesse sentido, o Presidente Samora Machel afirmou, por diversas vezes, no seu improviso, que «o curso que hoje termina é apenas o começo de uma nova vida de militância no nosso processo revolucionário». Mas para que isso seja possível, sublinhou ainda o dirigente máximo da Revolução moçambicana, é necessário que cada um saia dali «sem medo do passado».

Neste sentido, durante as aulas políticas realizadas ao longo do curso, as narrativas que todos fizeram do seu passado, eliminaram muita da desconfiança existente, promoveram-se críticas cerradas a companheiros de passado errado, permitindo, assim, que esses mesmos companheiros fizessem as suas autocríticas.

O alto valor para a libertação de cada um e purificação das fileiras, conseguido através deste trabalho, está bem exemplificada na detecção de um agente veterano da PIDE que, apesar de todas as análises já anteriormente realizadas, ainda se mantinha camuflado.

«Liquidar as alianças sem princípio, liquidar os vícios ideológicos apreendidos nas longas estadas nas prisões da PIDE-DGS, elevar o nível político-ideológico dos participantes, aprofundando a sua consciência de classe e eliminando a desconfiança mútua», foi o trabalho central desenvolvido ao longo deste curso, para preparar os antigos militantes na clandestinidade para novas tarefas, que o Partido e o Governo lhes irão atribuir.

«A vossa integração na sociedade moçambicana, será como cidadãos exemplares, trabalhadores-modelo, patriotas dedicados à causa da defesa nacional e da vigilância revolucionária» — explicou o Presidente Samora Machel, depois de referir, pormenorizadamente, todos os objectivos deste curso, sublinhando ainda que nele os antigos militantes na clandestinidade puderam «compreender as verdadeiras razões do sofrimento na prisão e os objectivos das reuniões de Março e Maio, porque muitos pensavam que elas eram um julgamento, enquanto que constituíam uma forma de libertação».

Para que a integração destes patriotas se faça de maneira correcta, Samora Machel anunciou que o Partido vai dar-lhes novas tarefas «na frente da Reconstrução Nacional; na tarefa principal que é a produção nas fábricas e aldeias comunais, nas escolas e hospitais, no Aparelho de Estado».

Além da integração dos ex-presos políticos na sociedade, o Presidente da FRELIMO abordou a relação que, no futuro, haverá entre estes elementos e o Partido: «A experiência, o processo de libertação que iniciaram, provam que alguns serão militantes do Partido, mas outros não». De entre as condições que impossibilitam alguns dos ex-presos políticos de serem membros do Partido, o Presidente Samora Machel salientou a religião, o que, contudo, não os impede de serem «cidadãos activos no processo de edificação de uma Sociedade de Nova».

«Mas todos terão de ser difusores da nossa linha, agentes do processo revolucionário no seio da sociedade moçambicana».

Após estas orientações, o dirigente máximo da Revolução moçambicana chamou ainda a atenção para o facto de que, a partir de agora, embora «nem todos avancem à mesma velocidade... estão criadas as condições para aqueles que sentirem mais dificuldades no avanço, possam pedir aos outros o seu apoio, para continuarem firmes na caminhada».

«Hoje é um dia de festa. É o dia em que comemoramos mais uma vitória da FRELIMO, mais uma vitória da nossa luta. Vocês eram um terreno que o inimigo tinha fertilizado e que estava pronto a receber a semente que ele vos quisesse deitar. Hoje são uma zona libertada, onde o inimigo não vai encontrar a cumplicidade voluntária, nem aquela a que vos poderia obrigar, com a ameaça de revelar o vosso passado» — disse o Presidente da FRELIMO, que acrescentou ainda a terminar:

«Esta vitória deve ser comemorada com a alegria com que sempre celebramos os passos em frente no nosso caminho. Esta vitória é um incentivo para os novos combates que temos de travar. Ao comemorarmos o encerramento deste curso, ao avançarmos para as novas trincheiras, temos agora o espírito mais claro e uma maior certeza nas nossas vitórias, nas vitórias do nosso Povo».

Entretanto, ainda durante a reunião, aque-

les antigos combatentes na clandestinidade apresentaram uma sessão cultural, com um programa bastante vasto e rico. Tanto ao nível da dança, do canto, da poesia, como do teatro, eles exprimiram o sentimento de libertação que lhes trouxe este curso. Isto foi particularmente evidente na expressão «não queremos ser mais ex-p. p.» recusando, assim, o estatuto social e os vícios de que enfermava a maioria dos ex-presos políticos.

Outra expressão da vida levada no Centro de Matalane, está patente numa série de murais pintados pelos ex-presos políticos, bem como de numerosos trabalhos de artesanato, que, pelo esmero com que foram trabalhados, mereceram uma demorada apreciação por parte do Presidente Samora.

Algumas das realizações destes cerca de trezentos combatentes na clandestinidade, estavam afixadas no «Jornal do Povo» que ali elaboraram e onde se podia ler que eles cultivaram uma horta que contém alface, alho, couve cenouras, cebola e um pomar de laranjeiras, construíram um «hall» de exposições artísticas, um palco para actividades culturais, uma tribuna de honra, um alpendre para o «Jornal do Povo» e produziram dezenas de blocos de construção.

Numerosas outras melhorias ao centro de Matalane realizadas pelos próprios participantes neste curso, durante a sua estada ali, poderiam ainda ser mencionadas.

É ainda de salientar que, antes do encontro propriamente dito, o dirigente máximo da Revolução moçambicana percorreu demoradamente as instalações do centro, observando atentamente o trabalho ali desenvolvido nestes últimos dois meses e inteirando-se também das condições organizativas que ali existem.

(De: "Notícias" Maputo, 1978-07-30)